


## “Dissesses ao Diogo Cão para não ter ido a Angola, e eu não estaria aqui”. Conversa com Telma Tvon

Doris Wieser  
Universidade de Coimbra 

<https://dx.doi.org/10.5209/afri.101502>

Nascida em Luanda em 1980, Telma Marlise Escórcio da Silva, que usa o nome artístico Telma Tvon, veio para Portugal em 1993, aos 13 anos, devido à continuação da guerra civil em Angola. Fez uma Licenciatura em Estudos Africanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e um Mestrado em Serviço Social no ISCTE, e é também nesta área que trabalha. Os acasos da vida levaram-na a iniciar-se, aos 16 como rapper. Pertenceu ao grupo Backwordz, com MCs Lady, LG e Zau, e ao grupo Lweji, com a MC e cantora de soul Geny. Em 2001, coordenou com o Dj CruzFader a gravação da mixtape RAParigas na voz do soul, visibilizando as mulheres do rap português. Com o grupo Lweji lançou em 2005 o CD Finalmente, que se debruça sobre temas relacionados com a vivência de mulheres, como violência doméstica e aborto. A sua carreira de escritora teve início em 2017, com a publicação do seu romance *Um preto muito português*.

A conversa que se segue, em que se fala tanto do seu percurso pelo rap como sobre o seu romance, teve lugar no dia 9 de dezembro de 2022, no formato de aula aberta, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.<sup>1</sup> A conversa, durante a qual mostrei vídeo-clips e solicitei à autora a leitura de pequenos fragmentos do seu romance, foi moderada por mim e intercalada por questões do público (QP).

### DW: O que significa o teu pseudónimo?

TT: Com as músicas eu usava o termo Telma von Backwordz. Esse grupo que está na Wikipédia. Eles pegaram nisso, no t, e puseram o von. Curiosamente, depois vim a saber que Telma quer dizer “vontade”, t – von, Tvon, “tenho vontade”. Então acaba por ser a mesma coisa. Foi sem querer, foi um acidente, como quase tudo na minha vida.

### DW: Como foi a tua vinda para Portugal aos 13 anos? Hoje em dia, sentes-te mais angolana, mais portuguesa ou as duas coisas ao mesmo tempo?

TT: Tenho mais anos de vida em Portugal, neste momento. Vivi mais tempo em Portugal do que em Angola. Mas sinto que a minha relação com Angola é muito forte. Não só por tudo o que vivi em casa, o facto da minha família ser toda angolana, mas também por tudo o que eu vivo, as minhas preocupações, os meus hábitos e costumes pertencerem à cultura angolana. Eu sinto que estando cá, em Portugal, eu vivo cada vez mais a cultura angolana. Acho que isso é típico de quem está fora. Quando estás dentro do teu país, de uma maneira geral, não ligas tanto à tua cultura. Quando estás fora, a cultura acaba por ser uma questão de orgulho, uma questão de pertença. Por exemplo, quando estava em Angola, não gostava de funje, e agora gosto. Portanto, acho que é uma questão de estares longe e de sentires essa proximidade com o terreno que te pariu. Então, não consigo dizer o que eu me sinto mais. Sinto-me portuguesa, pese embora muitas vezes as pessoas não me identifiquem como tal. Estão sempre a perguntar de onde eu sou. Daí também eu ter escrito este livro. Mas sinto-me angolana também. Sinto-me africana, de modo geral. Mas posso me sentir tudo o que eu quiser, não é?

### DW: Ainda vais com alguma frequência a Angola?

TT: Sim, mas estive muitos anos sem ir. Vim com 13 anos por causa da guerra civil, e fiquei muito tempo sem voltar a Angola. Depois, quando entrei para a faculdade, já com 18-19 anos, nas férias do primeiro ano letivo, fui a Angola. E foi muito interessante e bom voltar a casa.

<sup>1</sup> A vinda de Telma Tvon a Coimbra foi organizada no âmbito do projeto “Contactos culturais em língua portuguesa: negociações de convivência”, projeto de cooperação científica entre a Universidade de Colónia e a Universidade de Coimbra, financiado pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD).

**DW: Vamos ver um vídeo: Cubic360 Cypher, com a participação de Dama Bete, Zuka-Divine, Shiva, Telma TVON, e Sharye.<sup>2</sup>**

TT: Basicamente, esse vídeo, de 2014, foi feito com as raparigas que sobreviveram da minha geração. Há duas que não fazem parte da minha geração, as duas mais novas. Mas eu pertenço à era em que havia muitas raparigas a cantarem rap. Entretanto, desapareceram e, atualmente, se olharmos para o panorama do rap em Portugal, há duas ou três. Mas nós éramos tantas, o suficiente que foi possível fazer uma *mixtape*. Fizemos aquela *mixtape*, em 2001, e, em 2014, sobraram três ou quatro, que estão aí nesse *cypher* (no vídeo).

**DW: Na cultura do rap, o que é um *cypher*?**

TT: Basicamente o *cypher* é um coletivo e tem muito a ver com as novas tecnologias. É um coletivo de MCs, que estão juntos num determinado espaço, há uma câmara que tem de gravar todos à vez. Ninguém pode falhar, é *one tape*, como costumam dizer. Acabam por fazer um videoclipe. Então, nós estivemos ali, gravamos uma vez, e eles puseram na Internet. É a junção de vários MCs.

**DW: Esse vídeo foi gravado em 2014, mas a música já aparece na *mixtape* de 2001?**

TT: Não, a *mixtape RAParigas na voz do soul* é uma *mixtape* do DJ CruzFader, que é um DJ muito importante na cultura *hip hop* em Portugal, e também no Brasil, porque ele é brasileiro e francês, a viver em Portugal, com mãe africana. Como na altura havia muitos MCs, e também raparigas que cantavam *soul* e *r&b*, ele teve a ideia de juntar-nos nessa cassette. Então, eram muitas mais nessa altura, tanto que a cassette tem lado A e lado B, com vinte e tal artistas. Este *cypher* é um projeto completamente diferente. É do MC Bdjoy, que decidiu juntar pessoas de Lisboa, algumas também do Porto. No nosso *cypher* participaram algumas das raparigas que sobraram de *RAParigas da voz do soul*, que saiu em 2001. Depois, passaram 13 anos, e nós encontramos-nos, tirando a última que aparece, que é mais nova. É a única que não participou nas *RAParigas na voz do soul*, as outras todas sim. A segunda é basicamente uma das mães do rap, a Zuka-Divine. Normalmente as pessoas pensam que sou eu, porque sou eu que falo mais, mas ela é das primeiras rappers. Primeiro são as Djmal e depois são as Divine. Não sei se vocês conhecem os Black Company, que lançaram o álbum *Geração Rasca*, em 95. As Divine participam nesse álbum dos Black Company com uma música chamada "Ghetto".

**DW: Proponho vermos um segundo vídeo, mais recente e com um estilo de música diferente. É de 2020, do projeto Chá de Beleza Afro. A música chama-se "Rainha".<sup>3</sup>**

TT: É um coletivo de mulheres negras que tem vários projetos com mulheres negras. Fizeram esse hino precisamente por uma questão de saúde mental. Há muito aquela ideia de que as mulheres negras aguentam tudo e mais alguma coisa e não precisam de ajuda, não precisam de terapia, não precisam de ir ao psicólogo. É a ideia de que faz parte da nossa cultura aguentar e calar. E, no projeto Chá de Beleza Afro, elas tentaram desmistificar ao máximo essa ideia com várias iniciativas. Uma das iniciativas é esta música, na qual nós participamos e que pretende empoderar a mulher negra.

**DW: Telma, conta-nos um pouco mais sobre esse projeto e esse vídeo. Como foi filmado, quais são os objetivos concretos?**

TT: Bem, esse coletivo já está no ativo, se não me engano, desde 2010. Soube da existência delas em 2019, por causa dessa música. Depois da música, comecei a estar a par das suas atividades. Muitas vezes elas fazem cabazes para ajudar famílias mais carenciadas, chegam a psicólogos para atender em determinadas famílias, famílias mais vulneráveis... Fazem *n* coisas, desde caminhadas e workshops literários. Por exemplo, o livro da Yara Monteiro, *Essa dama bate bué*, já foi lido num workshop a Chá de Beleza Afro. A música que vimos foi feita precisamente por causa da saúde mental. Entretanto, fizeram vários jantares e vários convívios, nem sempre pude estar lá, mas estive a par de todos os trabalhos delas. Agora recentemente também estiveram num projeto com a *Bantumen*, que é uma plataforma que divulga tudo o que há a nível de cultura negra em Portugal.<sup>4</sup>

**QP: No Brasil, o rap é muito dominado por homens, sobretudo afrodiáspóricos, afro-brasileiros. Há alguma conexão entre o rap português e o rap brasileiro?**

TT: Sim, há várias conexões. Basicamente, na sua génese, o rap, quando aparece em Portugal, a sua matriz é preta. Tendo essa matriz preta, identifica-se não só com os afroamericanos, inicialmente, como depois também com os favelados brasileiros. Todas as pessoas que chegaram a nós, na altura, pessoas como os Racionais MCs, MV Bill, Nega Gizza, Kmilla CDD, por exemplo, tinham basicamente o mesmo histórico que nós. Eram, quase todas, pessoas das favelas, dos subúrbios, com as mesmas necessidades, com as mesmas fragilidades, e com algumas diferenças também. Por exemplo, no caso da minha família, houve uma migração forçada, por causa da guerra civil em Angola, e no caso dos afrodescendentes brasileiros não, eles nasceram no Brasil. A maior parte das pessoas, com quem privei, também eram pessoas nascidas em Portugal. Eram filhos de emigrantes cabo-verdianos, guineenses e angolanos. O chão deles é português.

<sup>2</sup> O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sdMPO7JGfgk> (acesso: 28.06.2024).

<sup>3</sup> A página do projeto pode ser consultada em <https://chadebelezaafro.com/>. O vídeo está disponível em <https://youtu.be/puPwQy-cYEho> (acesso: 28.06.2024).

<sup>4</sup> O endereço da plataforma é <https://www.bantumen.com/> (acesso: 28.06.2024).

Há toda uma conexão com o rap afro-brasileiro. No entanto, é engraçado que o primeiro rapper brasileiro que entra em Portugal, não seja da vertente afro-brasileira, porque é o Gabriel Pensador. Mas quando ele diz “eu queria morar numa favela” todos nós nos identificamos.<sup>5</sup> Essa música foi um chamariz para nós. Todos nós pensamos, uau, se calhar há coisas piores. Se diz “eu queria viver numa favela”, significa que ainda é possível haver situações piores do que viver numa favela. E nós fizemos essa ligação com os bairros sociais que existem em Lisboa e que também existem no Porto. Mas a nós, acho que posso falar por mim e pelas pessoas que eu conheço, atingem-nos mais os bairros em Lisboa. Portanto, nós somos um único pelo mundo inteiro.

**QP: A necessidade de fazer música e de te encontrares no rap vem por causa da migração forçada da tua família ou são outras questões que te conduzem a essa necessidade?**

TT: Isso é muito interessante. Quando começo a fazer rap, com 15 a 16 anos, para ser sincera, foi tudo muito accidental. Na escola, conheço um grupo de raparigas, que já faz rap, as Backwordz, e elas dizem-me: “Olha, não queres vir assistir?” Foi mesmo uma brincadeira. Aliás, nunca me tinha passado pela cabeça fazer um rap, mas gostava de escrever. Eu era aquela aluna chata que passava as linhas, porque escrevia demais. Sempre gostei muito de escrever, mas escrever rap nunca me passou pela cabeça. Quando vou para Lisboa e conheço esse grupo, elas perguntam-me se eu gostaria de ir aos ensaios delas. Vou e fico fascinada: “Uau, o que é isto?” Nunca tinha visto raparigas a fazer rap.

Em Angola, já estava familiarizada com o rap, mas era sempre na versão masculina. Todos os MCs que conhecia eram homens. Sabia que havia alguns grupos de raparigas nos Estados Unidos. Mas em português? E vê-las assim, tão perto de mim, surpreendeu-me: “Uau, como isto é possível?” Achei super interessante, e comecei a andar sempre com elas. E houve um dia que elas dizem: “Tu tens uma voz interessante e gostas de escrever. És a mais chata da aula de Português. Porquê é que não tentas entrar numa música nossa?” E foi assim.

Os nossos temas não tinham qualquer tipo de consciência, não tinha nenhum chamamento. Tínhamos letras só de brincadeira, coisas dos 16 anos. A posteriori, com o tempo, e com as coisas que foram acontecendo na escola, passando para a faculdade, e entrando no mercado de trabalho, começo a ficar mais consciente da realidade que me rodeia. As nossas letras começaram a ficar mais duras. Uma grande escola foram os rapazes do meio. É muito engraçado como a maior parte dos homens critica o feminismo no rap. Só que foram eles que nos colocaram nesse lugar. Eu sinceramente nunca me tinha percebido mulher até estar lá. Foram eles que me fizeram perceber que eu era um corpo anormal naquele espaço. Então, a partir do momento em que isso acontece, compreendi que me tinha de defender. Pensei: “Se não me deixas estar no centro da sala, contigo, e atiras-me para um canto, tenho que arranjar estratégias de defesa”. E quais são as estratégias de defesa? Juntar-me a mais mulheres e fazer azo da minha existência. É aí que surge o feminismo. Surge um todo, o feminismo e o antirracismo. Portanto, a nossa consciência surge do que nos acontece, das nossas experiências.

**QP: Eu queria saber se em Portugal, no meio feminino, há algo parecido com a liga *knock out* em que há despiques de mulheres.**

TT: Não, ainda não. Acredito que há de haver. Aquela última menina que apareceu no videoclipe entra na liga *knock out*. Ela fez uma *battle* com uma outra MC. Foram as únicas duas raparigas que participaram na altura. Mas uma *battle* exclusivamente de mulheres acho que ainda não há. Penso que há só nos Estados Unidos. Estou muito atenta ao rap no geral. Não me cinto unicamente ao que há em Portugal. Sigo muito o Brasil, sigo Angola, sigo agora Cabo Verde. Em Cabo Verde também começam a aparecer mulheres. Já havia alguns MCs homens, mas agora há mais, e também já começam a aparecer mulheres. França também sempre foi um farol para mim, apesar de eu não entender muito bem francês. Há pouco tempo, inclusive, fui pesquisar no Google a tradução da letra de uma música, que eu gostava imenso, e fiquei horrorizada. Gostava daquilo por causa do *flow*, do ritmo, por causa da agressividade, e depois descobri que estão a enxovalhar as mulheres de cima para baixo. E eu, durante anos, adorei aquela música! Por isso, é importante saber o que estamos a ouvir.

Mas sempre segui o rap francês, Paris, Marseille... E tanto quanto eu sei, não há uma liga estritamente feminina. Ainda é tudo muito misturado. Acho que também tem muito a ver com o facto de não haver exemplos únicos. Cá, nós, as Backwordz, continuamos a sê-lo, da nossa altura. Foi uma altura atípica, porque chegou a haver muitas raparigas e até poderia ter acontecido, mas a nossa mentalidade não estava virada para uma *battle*, porque as *battles* pressupõem outras coisas que têm mais a ver com competição do que propriamente união, que era o que nós queríamos. E agora há uma ou duas, a Capicua, a Nenny, a Mynda Guevara. Não é o suficiente para se formar uma liga. Acho também que, neste momento, nós temos outros problemas. Uma liga é interessante quando já está mais cimentada a nossa presença, quando já somos várias, quando já podemos fazer um despique, mas ainda não estamos nessa fase.

**QP: Como decorre o teu processo criativo? Escreves primeiro a letra sozinha ou trabalhas diretamente em grupo?**

TT: Depende. Quando me convidam para participar em músicas com outras pessoas, de uma maneira geral, eu recebo primeiro o instrumental, e já tenho um tema atribuído, porque o artista já pensou no tema. Sou a

<sup>5</sup> Refere-se à música “O resto do mundo”, do álbum *Gabriel o pensador*, de 1993.

participação apenas. Então, recebo um instrumental e um tema, e escrevo sobre isso. Quando é em grupo, por exemplo, quando estava com as Backwordz ou com a Geny das Lweji, nós sentávamos e combinávamos: “O que é que te incomoda? De que te apetece falar? Vamos falar sobre isto”. E escrevemos primeiro e depois é que vamos ter com um produtor e dizer nós temos esta ideia sobre o instrumental. Nós idealizamos o que queremos do instrumental, ele vai nos mostrando várias propostas, e nós escolhemos uma que se adequa ao grupo. Tentamos ao máximo que a nossa escolha seja bastante democrática. Portanto, depende muito de cada caso, como trabalhamos. Também já me aconteceu que o artista, que me convidou, me pôs à vontade para escolher um instrumental. Não encontrei já tudo feito de raiz. Também já me aconteceu uma coisa muito chata. Convidarem-me e, ao chegar, aparecerem com o verso. E eu: “Isso não vai acontecer. Não. Se me estás a convidar, eu tenho de escrever a minha parte. Isso está fora de questão”. Depois acabei por escrever mesmo o meu verso. Mas, se a pessoa insistisse, eu não ia aceitar entrar na música, porque para mim não faz sentido.

**DW: Vamos passar então ao romance *Um preto muito português*. O protagonista chama-se João, mais conhecido como Budjorra, tem 26 anos, é filho de pais cabo-verdianos, mas nasceu em Lisboa. Portanto, o seu percurso distancia-se até certo ponto do da escritora. Budjorra é um afrodescendente, nascido em Portugal, pelo que é chamado no título, de forma provocativa, “um preto muito português”. Estudou gestão ambiental, mas não consegue trabalho nessa área e acaba por trabalhar num *call center* e por conformar-se, até certo ponto, com esta solução temporária. O romance é estruturado em pequenos episódios do quotidiano, quase como se fossem crónicas. Não há uma história principal que se desenrole aos poucos, apenas múltiplas experiências que compõem o fresco da vida de Budjorra. O protagonista tenta entender-se a si próprio, desenvolve uma introspeção e também um “desabafo”, palavra usada no final da primeira edição do romance: “o desabafo sobre a minha vida”. Budjorra aborda, por exemplo, a relação com os pais, com o irmão e a irmã, experiências quotidianas com o racismo, mas também outras questões, não necessariamente relacionadas com ser-se afrodescendente em Portugal, por exemplo, o que significa ser uma boa pessoa, ou se é possível ser uma boa pessoa nos dias de hoje. Budjorra é um jovem empático e crítico, analisa injustiças sem vitimizar-se, procurando antes um caminho conciliatório. Telma, como surge a ideia desse romance?**

TT: Basicamente, era uma letra de rap. Era um verso que eu tinha escrito para uma música com dois MCs que falam muito sobre essas questões. Um deles é o Chullage, que é MC e também sociólogo, e muito ativo em termos de questões de negritude em Portugal. O outro MC é o Lancelot, também angolano, angolano-francês. Eu tinha pensado em fazer a música com eles. Só que, entretanto, não conseguia parar de escrever. E quando dei conta já não era mais um verso, já tinha praticamente dez páginas do Word, já era uma coisa completamente descontrolada. Lembro-me de ter mostrado à minha irmã dizendo: “Olha, este tema está a perseguir-me muito. Não consigo parar de escrever. Daqui a bocado vou fazer um álbum, basicamente só sobre o mesmo tema”. E a minha irmã disse: “Mas porque é que não escreves um livro?” E eu: “Um livro?” Foi mesmo daqueles momentos em que ficas pasmada: “Como? Um livro? Nunca vou escrever um livro!” E a minha irmã disse: “Nós, é verdade, nós vamos querer saber disso. Estás a falar de situações da maior parte dos nossos amigos”.

No fundo, o Budjorra é uma compilação de várias pessoas que conheço. Conheço várias mulheres assim, vários homens assim, e juntei-os numa única personagem. Nunca me passou pela cabeça a ideia de entrar para o rap, também nunca me passou pela cabeça a ideia de escrever um livro. Pensei: “Vamos lá ver se é possível”. E realmente foi. Até fiquei bastante surpreendida com o interesse das pessoas. Havia tanta gente a dizer: “Nem acredito, parece que escreveste sobre a minha vida. A sério, parece que estavas na minha casa”. E é interessante que muitas raparigas vinham ter comigo a dizer: “Esse rapaz existe? Apresenta-me”. A sério, há muitas apaixonadas pelo Budjorra. Foi muito engraçado ver.

Quando se fala em questões de negritude em Portugal, ainda se fala muito da escravatura e do colonialismo, mas não se fala tanto das consequências. O que aconteceu aos filhos dos imigrantes, as pessoas que estão cá? É interessante perceber esse testemunho também. Quando fiz o curso de Estudos Africanos, por exemplo, percebi que havia uma lacuna muito grande no agora. Estamos sempre a falar do passado. Mas agora, o que está a acontecer? Sinto que este é o meu contributo para o agora. Então, acabo por ficar muito satisfeita por ter chegado a tanta gente e as pessoas terem-se identificado tanto com o Budjorra.

**DW: É realmente uma personagem muito simpática. As suas reflexões são bastante íntimas: expõe a sua dor, a sua necessidade de superação, de autoafirmação, de sentir-se bem na sua pele como “preto português”...**

TT: Quis contrariar um bocado a ideia, que muitos jovens negros dessa idade têm, de que não podem falar sobre sentimentos. Tenho muitos amigos, e eles, por exemplo, comigo falam, mas seriam incapazes de falar em público, porque têm de dar aquela ideia do machão forte, que sente tudo à distância. Então, acabei por dizer, até às vezes a brincar: “Sou uma péssima amiga. Tudo o que me contares, eu vou escrever”. Fiz tudo obviamente sem nomes, mas o que eles me iam contando sobre os seus sentimentos, acabei por escamotear de uma forma ou outra por aí.

**DW: Por favor, lê-nos as primeiras duas páginas do romance para conhecermos um pouco melhor o Budjorra. [Leitura da autora do início do romance]. O sentimento de Budjorra de pertencer e, ao mesmo tempo, não pertencer ao lugar onde vive, é algo que acompanha a vida de muitos afrodescendentes.**



**No teu caso, desde a tua chegada a Portugal, este sentimento de pertença e não-pertença mudou ou mantém-se inalterado? Dirias que os afrodescendentes continuam a ser confrontados com o questionamento direto ou indireto das pessoas brancas: “Mas de onde vocês são? Quem vocês são?”**

TT: Sinto que tem estado a mudar com as novas gerações. As gerações mais novas já estão mais abertas e sensíveis, e têm mais conhecimento. Ainda há algumas pessoas que fazem estas questões, mas sentem que é incomodativo perguntar a uma pessoa “de onde é que tu és?”; e “qual é a história dos teus pais?”; e “porque é que vieste parar aqui?”; e “mas tu não devias ir para Cabo Verde?”; ou “o que é que estás a fazer aqui?” Esse tipo de questões. Acho que nas gerações atuais, talvez muito por força da Internet, das redes sociais, Instagram, TikTok, já muitas pessoas negras desabafam sobre esse desconforto, e o outro lado ouve. Então, tem estado a mudar e penso que vai mudar ainda muito mais. Estamos a conversar agora, por exemplo. Não sou toda a comunidade negra, como é óbvio. Estou a falar na minha voz. Não sei como todas as outras pessoas se sentem. Há pessoas que se importam mais, outras pessoas que se importam menos, por exemplo. Muitas vezes as pessoas me perguntam: “Mas como é que vocês acham que têm de ser chamados? De cor, negros ou pretos?” Eu fico sempre a dizer: “Mas eu não sou todos. Não posso responder por todos”. E por que não tentar saber o nome da pessoa e chamá-la só pelo nome? Se calhar é um bocadinho mais fácil, e poupa-nos determinados constrangimentos. Acho que é esse o percurso que temos de tomar para resolver estas questões. É conversarmos, é nós falarmos das nossas experiências, é as pessoas brancas ouvirem, concordando ou não, tentarem perceber que tem de haver uma sensibilidade nesse sentido.

Efetivamente, o Budjorra nasce em Portugal, e não é porque ele quer nascer em Portugal. Se lho perguntassem, se calhar ele teria preferido nascer em Cabo Verde. Então, quando lhe mandam para a terra dele, isso não faz muito sentido. A mim, já me disseram isso, e fiquei com vontade de dizer: “Dissesses ao Diogo Cão para não ter ido a Angola, e eu não estaria aqui, estaria lá”. São dinâmicas que acontecem e não é, na verdade, culpa de ninguém. Se não é culpa de ninguém, não vamos acusar ninguém, a não ser aqueles que nos acusam de estarmos aqui. Isso aí já é diferente: dizer que estamos aqui a usurpar espaços. Então, vamos conversar sobre isso. Acho que as coisas estão num bom caminho.

Voltando à questão, penso que estamos a melhorar bastante, porque nem era possível, quando eu tinha 18-19 anos, este tipo de conversa. Ia ser bastante constrangedora. Não dava. Mesmo com pessoas da minha geração era um bocado complicado o facto de dizeres que tens orgulho em seres quem és. Lembro-me que, na escola, havia pessoas que sentiam aquilo como se fosse um ataque a quem elas eram. Não, só estou a dizer que estou bem e confortável na minha pele. Não estou a dizer nada contra ti. Só estou bem comigo. Quando todo mundo me diz que estou mal, eu digo que estou bem. É só isso.

**DW: De facto, no romance, há um momento em que os pais de Budjorra falam sobre a sua intenção de voltarem para Cabo Verde. Budjorra não sabe como reagir, porque não é algo que se tivesse colocado como possibilidade. Fala com o irmão sobre a ideia e o irmão diz algo como: “Mas o que é que estamos a fazer aqui? Que futuro temos?” O irmão gosta da ideia de ir com os pais a Cabo Verde. É interessante como os dois irmãos se posicionam de forma diferente perante essa possibilidade.**

TT: É engraçado porque eu conheço muitas pessoas precisamente com essa história e que depois foram conhecer Cabo Verde ou a Guiné. Eram pessoas que diziam: “Ah, não, não sou português”. É muito por força do facto de as outras pessoas estarem sempre a dizer, que tu não és daqui, e depois tens mecanismos de defesa, e dizes, que efetivamente não és. Entretanto, quando eles foram para Cabo Verde ou para a Guiné, sentiram-se estrangeiros. É muito interessante. Lá, as pessoas estão sempre a dizer “aquelas pessoas portuguesas”, e ficaram confusos pensando: “Mas eu sou daqui, eu sou daqui”. E ouvem a resposta: “Não, não és daqui, tu és de Portugal, tu és da Europa”. Então, todos eles voltaram a Portugal, à Europa, muito confusos: “Então sou de onde? Não sou daqui. Daqui mandam-me para a minha terra. Depois, chego a Cabo Verde ou a Guiné, e as pessoas dizem que eu também não sou de lá”. É bem aflitivo, às vezes.

**DW: Escolhi um fragmento para leres em voz alta, que gira em torno dessa questão se o Budjorra é cabo-verdiano ou não. [Leitura da autora do capítulo 11, “Querias tu ser cabo-verdiano, Budjorra”] O que é que dói mais? Não pertencer ao lugar da residência ou não pertencer ao lugar de origem dos pais?**

TT: Sinceramente, não te sei dizer no geral. Sei que para as pessoas com quem privei, o facto de não se sentirem bem no sítio onde viveram a vida toda é completamente dilacerante. Na verdade, o continente africano para muitos destes jovens é algo idílico, está longe, está nos livros, está nas músicas, está na comida, está na gastronomia, mas não é vivido dia a dia. Agora, quando vais apanhar o metro ou o comboio, quando saís do teu *save space*, que é o teu bairro, muitas coisas tão atiradas no dia a dia que te fazem questionar essa tua presença. Tenho muitos amigos que dizem: “Porque tenho que passar por isto?” Temos conversas extremamente intimistas e falamos sobre os nossos sentimentos. Sei que muitos deles gostariam de voltar para o continente africano, não por eles, mas porque são pais, e porque não querem que os filhos passem por aquilo que eles passaram. Não querem que os filhos estejam na escola e que haja miúdos a cantarem essa lengalenga: “Cheiras a chulé, és da Guiné...” Não querem, que os filhos ouçam essas coisas. Não querem, que os filhos estejam num sítio, em que se sintam sempre anormalidade.

Na realidade que eu conheço, para a maior parte das pessoas, e principalmente as da minha geração, é muito pior o lugar de não-pertença sentido aqui. Para mim, quando vim de Angola, já era um bocadinho complicado eu sentir-me a miúda da guerra. Era terrível: “Ah, coitadinha!” Às vezes, não queres ser a coitadinha, queres seguir a tua vida. Já tinha muitas coisas na minha cabeça. Não sabia, se ia voltar alguma

vez a ver a minha mãe. Não sabia, se ia voltar a ver os meus primos. Então, ter de ir para à escola e de sentir aquela pena, é complicado. Sei que, de uma maneira geral, a maior parte das pessoas era para bem, mas outras conseguiram ser extremamente cruéis. Vinham, davam-te uma palmadinha, e depois iam dizer outras coisas nas tuas costas, e acabavas por saber. Para mim, já era complicado passar por isso. Só queria ser normal, só queria me integrar, tanto que depois, com quem é que eu me integrei? Com pessoas que tinham passado basicamente pelo mesmo que eu. Passado dois ou três anos, vêm pessoas da Guiné, porque a Guiné também, mais ou menos nessa altura, tem um problema com a guerra civil. Então, vêm muitos jovens da Guiné para essa escola, onde eu estou, e eles acabam por ser o meu conforto. Também algumas pessoas de Angola, porque têm basicamente a mesma história que eu. Então, acabamos por fazer o grupo dos exilados, refugiados. Foi complicado para nós passar por isso, mesmo com todas as tentativas de outras pessoas para nos abraçar.

Para quem nasce cá, sinto que ainda acaba por ser pior, porque nós, independentemente do que estávamos a sentir, nós sabíamos quem nós éramos. Nós sabíamos a nossa base. O que sempre senti por parte dos meus amigos “pretos muito portugueses” é que para muitos deles, já com 40 anos, ou a beirar os 40, pesa muito a questão do: “Quem eu sou, o que estou a fazer aqui, qual é o meu mundo?” Aonde eu for, sei de quem é que sou. É a tal questão: sou angolana, trago Portugal em mim, mas estou muito bem resolvida com isso.

Dou-vos um exemplo do mundial de futebol. Tive uma discussão com uns amigos, porque eles diziam, que não iam apoiar Portugal neste mundial. Recusavam-se a apoiar Portugal, porque apoiaram Portugal no Euro, e viram à saída do Marquês de Pombal algumas famílias portuguesas brancas a obrigarem miúdos negros dos bairros a tirarem a camisola de Portugal, porque aquela camisola não lhes pertencia. Foi uma situação que deixou estes homens negros extremamente incomodados no sentido de: “Ok, eu nasci aqui, este é o meu chão, mas vocês sentem que eu não tenho direito de usar essa camisola. Portanto, mesmo não vou gritar mais para vocês. Tenham lá o William de Carvalho, tenham lá o Rafael Leão, tenham o que vocês quiserem. Este agora vai ser o meu grito do Ipiranga, meu grito de revolta.” No fundo, se formos a ver bem isto e tentar sermos imparciais, todos perdemos com isso, não é? Mas, *it is what it is*. É como eles sentem. É o local deles de não-pertença. Se os portugueses brancos se sentiram agredidos por aqueles miúdos, que podiam ser filhos deles, eram jovens com 14-15 anos, a forma dos negros repostarem é essa. Então, acho que é bem mais difícil quando tu não te sentes de lado nenhum, te sentires de vários lados.

#### **DW: No teu caso, quantos membros da tua família vieram para Portugal? Sentiste alguma proteção por terem sido vários?**

TT: Nós basicamente tivemos muita sorte, porque tínhamos a minha avó a viver cá, em Portugal, antes de se dar a guerra. Então, quando se dá a guerra, nós fomos daquelas pessoas privilegiadas, eu a minha irmã, e mais três primos. Conseguimos vir naqueles voos militares e tínhamos a nossa avó à espera no aeroporto. Havia muitos miúdos, que vieram. Só as crianças é que saíram, e houve muitas que não tinham ninguém à espera delas no aeroporto. E nós tínhamos a nossa avó. Fomos dupla ou triplamente abençoados, porque sobrevivemos e tínhamos alguém que, durante imenso tempo, fez de mãe, pai, avó, avô. Durante muito tempo, foi o único adulto com quem nós privamos e que, tendo em conta o intervalo geracional, podia até ter corrido mal, mas correu muito bem.

#### **QP: Você contou que o livro começou com a escrita de um rap. Você já tinha 10 páginas, e depois virou livro. Como foi essa passagem de um tipo de escrita para outro?**

TT: É engraçado estares a perguntar isso porque muita gente me pergunta se mantive o verso original, mas acabei por desconstruir tudo. Já não está nada como estava no início. Comecei a escrever de uma determinada forma, contudo, há ali rimadas, rimas todas certinhas. Quando comecei a perceber que estava a escrever demais, acabei por fazer um bocado como se fosse uma composição. Ia-me lembrando de determinados temas, por exemplo, “Sonho meu”, até foi mesmo a ouvir a música da Maria Betânia. Depois, sentei-me ao computador e comecei a escrever sobre isso. Havia dias assim, como havia outros dias, em que escrevia com base em conversas, que eu tinha com amigos. Ia ao cinema ou ao teatro e a jantares, e havia algum amigo ou alguma amiga, que dizia: “Olha, fogo, hoje aconteceu-me isto”. E eu estava atenta e dizia: “Isto daqui vai dar material...” Depois, chegava a casa, ligava o computador, e começava a escrever com base nisso, mas muito modificado, com vários exageros. Não escrevia totalmente a história da pessoa em si, puxava também pela minha imaginação. Mas acabava por fazer dessa forma, seguindo o que estava a acontecer no meu dia a dia basicamente.

Inclusive, há pouco tempo, um amigo perguntou-me: “Já pensaste que podíamos usar o início, a maneira como começaste a escrever o livro, para fazermos uma música”. Por acaso, nunca tinha pensado nisso. Essa parte inicial, só de verso, é enorme. Sempre que estou a escrever, não sei se para bem ou para mal, penso como se estivesse a escrever um rap. Já agora, no segundo livro, estou a rimar sem querer. É mesmo aquela coisa: estou a escrever e sai “bonita”, “grita”, “aflita”... oh-oh, calma, vamos mudar isto um bocado. Às vezes, tenho de desconstruir o texto, mas é algo de que não posso fugir, porque senão também estou a fugir bastante à minha essência, porque a minha escola é o rap. Para algumas pessoas a escola tem a ver com terem lido poemas, romances, o que for. No meu caso é o rap. Quero tentar manter sempre isso, mas ao mesmo tempo também explorar outros desafios. No novo livro, também há versos. Se calhar até acaba por ter mais versos do que no primeiro.

**QP: Podes contar alguma coisa acerca do livro novo? O que é que está por vir?**

TT: No livro novo, estou a falar de histórias de mulheres. São várias histórias, histórias para rir, histórias dramáticas. É um bocado sobre o universo feminino. Gostei muito de escrever o Budjurra, adoro muito Budjurra, Budjurra é um *crush* para mim. Mas senti que gostaria de ver, apesar de ter falado já um bocado do universo feminino na voz da irmã dele, da Sandra, também bem representadas a minha mãe, a minha avó, a minha irmã, as minhas primas, as minhas amigas. Gostaria também de pôr as histórias delas no papel. Gostaria de imortalizar de certa forma as suas histórias.

**QP: Porque é que escolheste justamente uma voz cabo-verdiana, e não angolana, guineense ou outra?**

TT: Angolana não é porque eu conheço bem demais os angolanos. Não seria um desafio para mim. Acabei por escolher os cabo-verdianos, porque, de uma maneira geral, as primeiras pessoas nas Backwordz, as raparigas que estão no grupo, são de descendência cabo-verdiana. Então, as primeiras pessoas fora da comunidade angolana, com as que tive mais contato, foram os cabo-verdianos e os guineenses. Mas se nós formos a olhar para os contornos da imigração, historicamente, os cabo-verdianos são os que têm presença maior em Portugal. Então, decidi representá-los dessa maneira. Realmente, também poderia, tendo em conta as minhas relações, ter escolhido alguém da comunidade guineense. Em vez de ser o Budjurra, podia ter uma guitarra, por exemplo, e ser um Guigui. Escolhi precisamente os cabo-verdianos porque nos bairros sociais maioritariamente há mais imigrantes cabo-verdianos do que propriamente de outras nacionalidades.

**QP: Achas que as pessoas negras que vivem aqui, como o Budjurra, têm mais necessidade de se afirmarem como boas pessoas, para demonstrar que os preconceitos não são certos?**

TT: Sim. Sinto que muitas das vezes nós acabamos por nos pôr em causa, enquanto seres humanos. O que sentimos de uma maneira geral é que nós somos a nossa cor. Então, quando acontece, por exemplo, um assalto no comboio, e és um indivíduo de tez escura, toda a gente no comboio fica a olhar para ti. Tu também estás no comboio, e olham como se tu o que tivesses assaltado. Começas-te a questionar de muitas coisas. Mesmo no íntimo de muitos amigos meus, no meu íntimo, eu sei quem sou, eu sei que eu sou boa pessoa. Mas tendo em conta toda essa carga social, que é posta em detrimento da tua cor, tu às vezes duvidas. Depois, também tem outras questões como aquela das micro-agressões, das piadas, das pessoas dizerem coisas sobre a tua cor, que és muito escuro, o teu cabelo, isso tudo. Há pessoas que se riem, há outras que não gostam. Mas fica sempre aqui, tens sempre vontade de responder mal, de ser mal-educado e dizer: “Olha, quem és tu?” ou “Vai a não sei onde”. Há sempre vontade de ripostar.

De uma maneira geral, as pessoas que conheço acabam por não ripostar, acabam por ficar ali com um sorriso amarelo a cada situação desconfortável. Não dizem nada, mas começam-se a questionar: “Será que a minha vontade era matar essa pessoa? Será que eu sou uma boa pessoa?” Tu comes-te a questionar a ti. Tu estás a ser agredido, estás a ser gozado, mas tu comes-te a questionar, por pensares isso de te queres defender, e por estares a sentir-te mal, se pelos pensamentos que tens em relação a essa pessoa que te ofendeu, és tu que és a má pessoa. Então, isto é *super twisted*.

Há pouco tempo, estava a conversar com uma amiga minha, porque ela estacionou mal o carro. Mas a senhora que viu, a primeira coisa que lhe disse é: “Fogo, ainda tenho que aturar estes. Nunca mais vão para a casa deles”. E a minha amiga disse que a sua vontade era dar uma galheta, uma chapada à senhora. Mas depois ficou a pensar: “Eu tenho obrigação de ser melhor do que isto”. Então, tu tens que ser melhor do que isto, tens que ser melhor do que ela. Mas nem sempre as coisas funcionam assim.

Eu, por exemplo, trabalho com jovens das mais variadas ascendências, mas muitas das coisas que sinto com os miúdos, de 14-15 anos, negros, que vêm ter comigo, é muita raiva, um descontrole emocional: “Vou lhe partir a boca toda, Telma, eles não me conhecem, eu sou do bairro!” E digo: “És do Benfica, fica calmo”. Temos de tentar também brincar um bocado com essas situações, e tentar aligeirar essas coisas, e ao mesmo tempo fazer eles perceberem, que têm outras maneiras de responder. Digo-lhes: “Se toda a gente acha que tu és um bandido, porque tens raça, ou tendo esta cor, ou tens brincos, ou falas crioulo, ou falas com sotaque angolano, tu vais provar principalmente a ti, que tu não és só isso, tu és muito mais”. Essa questão da bondade é precisamente nesses momentos que acontece, quando nos testam e nos perguntamos: “Será que eu sou boa pessoa?”

**QP: Qual é a tua relação com o mercado literário? Achas que é um ambiente mais conservador do que o da música?**

TT: Isso é muito engraçado. Constatei que a minha editora não me deu um grande apoio. Mas vou falar primeiro sobre como é que eu me senti no espaço académico. Pelo tipo de linguagem que uso no livro, é engraçado ver todo esse interesse no meio académico. Quando andava na escola a falar assim, eu falava mal: “Não é o correto. Telma, não pode ser”. Lembro-me, em Estudos Africanos, uma das minhas cadeiras favoritas era Multiculturalismo. Eu levava sempre textos de referências que não tinham nada a ver com aquilo que era dado como referências bibliográficas pelos professores. Curiosamente, essa professora nunca disse: “O que tu tens para trazer aqui, não me interessa”. Ela sempre foi muito aberta. Mas tive outros professores que me diziam: “Não. Isto não pode ser. Isto é muito fixe na Amadora, em Queluz, mas aqui estamos num espaço académico.”

Então, quando escrevi o meu livro, uma das coisas que pensei foi: “Vou ter problemas com a editora, porque estou a escrever dessa maneira. Estou a usar muito *slang*, muito calão, muita história da rua”. Mas

foi o oposto. Estiveram-se a marimbar, não queriam saber, não fizeram nem revisão, nem nada. E depois, no espaço académico, é o que se vê: estou aqui, né? E tem acontecido muito. Nunca me vou esquecer da primeira vez que fui falar numa universidade. Ia com o coração nas mãos. Foi muito difícil. Pensava: “Ponham-me numa sala com trinta mil *gangsters* e eu estou muito bem. Agora, numa sala com professores universitários...?” Foi o que eu pensei, devido à minha experiência em Estudos Africanos. Em Serviço Social não tanto, por acaso. No mestrado não foi assim. Mas em Estudos Africanos, tirando dois ou três docentes, a maioria foi um bocado assim. A primeira vez que fui falar a uma universidade, pensei: “Eu não vou, vão me cilindrar, vão me matar, vão arrasar com a minha autoestima. Não vou”. A minha mãe e a minha irmã disseram-me: “Nem pareces tu. Tu gostas tanto de contrariar, de ser do contra. Vai mesmo. Atira-te”. Foi assim e correu super bem. Pensei: “O que é que aconteceu a estas pessoas, entretanto?” Eles perceberam o que é que eu queria passar. Perceberam a comunidade que eu estava a transmitir, quem é que eu estava a representar. Então, percebi que no livro posso usar esta linguagem, na tese é que não.

**DW: Muito obrigada pela partilha das tuas experiências. Estamos a aguardar a publicação do teu novo livro com muito interesse.**